

## NOTA BIOGRÁFICA

Rodrigo Guedes de Carvalho nasceu no Porto em 1963 e licenciou-se em Comunicação Social. É um dos jornalistas portugueses mais conceituados e reconhecidos desde que, na RTP, iniciou a sua carreira como jornalista desportivo e tornou-se uma presença quotidiana nas nossas casas.

O ano de 1992 foi para Rodrigo Guedes de Carvalho um ano de mudança e de incursão em novos territórios. Nesse ano, foi um dos elementos da equipa pioneira da SIC, estação onde podemos regularmente vê-lo a apresentar o noticiário da noite ou a conduzir debates e reportagens como a que fez sobre as urgências hospitalares, "A condição humana", e que lhe mereceu, em França, a atribuição do Prémio Especial do Júri do Festival FIGRA. Mas 1992 foi igualmente o ano do seu primeiro romance, Daqui a nada, obra vencedora do Prémio Jovens Talentos atribuído pela ONU. Dava então início ao seu percurso de escritor.

Em 2000 cria o argumento para o telefilme Alta Fidelidade e faz, em 2002, com a peça Os Pés no Arame, a sua estreia como dramaturgo. Um novo romance, A Casa Quieta, surge em 2005 e é sucessivamente editado e seleccionado pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas para representar Portugal na Bienal de S. Paulo. Já em 2006 faz uma nova incursão no cinema com o argumento para o filme Coisa Ruim que marcou a Sessão Oficial de Abertura do Fantasporto deste ano, ano que é, também, o da edição do seu terceiro romance, Mulher em Branco, a sua obra mais recente.

Enquanto prepara o seu próximo romance, que terá como cerne a questão da gestão das expectativas no contexto que nos rodeia, a sociedade do espectáculo, podemos ler e desfrutar o romance Mulher em Branco, livro que é pretexto e tema da próxima sessão de Conversas com a Escrita com Rodrigo Guedes de Carvalho.

## BIBLIOGRAFIA

### ROMANCES

- Daqui a Nada, 1992, Contexto. (A obra venceu o Prémio Jovens Talentos, da ONU. Foi reeditada pelas Publicações Dom Quixote, em 2005).
- A Casa Quieta, 2005, Publicações Dom Quixote.
- Mulher em Branco, 2006, Publicações Dom Quixote.

### DRAMATURGIA

- Os Pés no Arame, 2002. (Peça estreada em Lisboa na Sala Polivalente do Hospital Júlio de Matos, com encenação de Isabel Abreu).

### ARGUMENTOS CINEMATOGRAFICOS

- Alta Fidelidade, 2000, telefilme da SIC.
- Coisa Ruim, Produção Madragoa Filmes (Sessão Oficial de Abertura do Fantasporto 2006).

## RODRIGO GUEDES DE CARVALHO

### Mulher em Branco

Publicações D.Quixote

"[...] Como pode acontecer-nos uma vida e caminharmos vazios.

Visto de fora, do lugar do espanto, pelos olhos dos que não sabem o que pode ou não fazer, a amiga, o médico, o que já foi marido e a deixou, operou-se em Laura uma defesa.

Incapaz de o suportar.  
O telefonema.

De fora, do lado dos que apenas podem observar e sofrer e esperar, sem saberem bem em que ponto se quebrou a corrente, por onde recomeçar se houver ainda um tempo de recomeço, de fora parece que Laura é apenas uma tontinha, que nada ouve que entenda ou veja ou se lembre.

E no entanto dentro dela Laura vê-se a sair (...)"

[www.cm-seixal.pt](http://www.cm-seixal.pt)

câmara municipal do seixal  
siga o nosso concelho

CONVERSAS  
COM A  
Escrita

## RODRIGO GUEDES DE CARVALHO

### MULHER EM BRANCO

Romance

Apresentação da obra

Biblioteca Municipal – Fórum Cultural

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

EM COLABORAÇÃO COM AS PUBLICAÇÕES D.QUIXOTE





## Do romance *MULHER EM BRANCO*

A memória de Laura, como uma luz que se apaga, deixa de existir com a notícia do desaparecimento do filho. Como nas tragédias clássicas, é este acidente que no romance *Mulher em branco* tudo precipita e abisma. O mundo à sua volta deixa de existir tal como "um dia o amor, ou o que julgamos ser o amor, apaga-se" e instala-se uma amnésia retrógrada que a afecta. Incapaz de encontrar e empreender um sentido e um destino enquanto a sua mente voga no vazio, é uma mulher em branco, uma mulher fechada, que "vive numa calma ausência de si" com uma memória inexistente que a incapacita de registar informação nova. Resgatar a memória, que persiste queda e adormecida como recusa, como fuga, a ter de enfrentar o horror da realidade, é um processo difícil, para ela e para os que a rodeiam, pois inabilita-a para uma função primordial que a todos afecta: "fomos feitos para comunicar".

Investigar a verdade possível sobre o desaparecimento do menino enquanto se encontrava à guarda de Paulo, o pai, e os vários relatos sobre a situação de Laura são o pretexto para a exposição de circunstâncias e desordens das várias personagens pois, em sucessivos capítulos, a todas é dada voz em discursos interpolados e fragmentados, émulos do processo de organização do pensamento, de uma vida, de um corpo, de uma mente que se desorganizam, que não se ajustam às respostas: "dizes luz e nada se acende". Numa narrativa polifónica de relações interpessoais, a pluralidade de abordagens é dada pelas diferentes perspectivas e diversidade de histórias das várias personagens numa alteridade de registo narrativo encadeado em três tempos distintos (antes, agora, agora e sempre) e nos múltiplos discursos dos actantes/narradores.

*Mulher em Branco* é o relato do que antecede o tempo em que "ela um dia há-de acordar e perceber que teve um filho e já não tem. Ele há-de viver para sempre com o telefonema". O telefonema que precipitou o acontecimento de, do outro lado, não haver destinatária que o possa ouvir. O romance passa-se no contexto de um tempo de luto por uma separação ("ao partir não sabia que não posso realmente partir"). Uma pena em vida; a memória dela que não se acende ("as grandes dores são sempre mudas"); a memória dele que constata: "um homem foge quando pensa que está a morrer. Preferia, se isso te consola, Laura, que fosses tu a abandonar-me. Havias de perceber que é humano preferir ficar ferido a ter de matar". Antes "matar" a viver com a memória do outro.

As memórias de Paulo levam-no a reflectir sobre o isolamento, a incomunicabilidade essencial ("porque duas pessoas serão sempre isso, duas pessoas"), sobre as evidências que emergem ("não a amando hoje amas o que foram um dia" ou "há alguma coisa para além do quotidiano? (...) alguma coisa resiste ao quotidiano?"), sobre fragmentos de instantâneos irrepetíveis ("e nunca mais se olhariam assim"). Ele, que tem memória (a desvantagem de não estar em branco?), relata (para exorcizar?) o percurso da relação desfeita; e procura, tal como o fazem a irmã, o pai, o cunhado ou a amante, exprimir o inexplicável, o indizível que é o entorno das suas vidas.

O romance, num crescendo, expõe os problemas e as experiências das diversas personagens, as disfuncionalidades, as particularidades, traumas e idiossincrasias da família, a parte orgânica, a estrutura deformante específica e identificável que todos agrega. A família, a casa são território vivenciado, de forma distinta pelos vários membros, de acordo com a afirmação das práticas dominantes que cada um consegue impor ou a que se sujeita. Os vários relatos de ocultamento e revelação, por vezes oriundos de territórios obscuros, transmitem-nos uma sensação de (re)conhecimento, por vezes de identificação, talvez porque para além da diversidade de cada caso existam, nos relacionamentos familiares ou amorosos, um conjunto de constantes em que se reconhecem expectativas, mecanismos de conflito e reconciliação e também a dor que o minar das relações, ou o fim do amor, provoca. Mas esse reconhecimento não os liberta nem da memória, nem da persistente especulação de como as coisas poderiam ter sido.

Cada narrador, ciente do seu caso, é também um observador do que vai sucedendo aos outros, uma testemunha exterior que ilumina e focaliza o nosso conhecimento sobre as várias personagens. Sabendo que o irmão é incapaz de se entregar, afirma Dulce: "O meu irmão não se apaixonou (...). Forçou-se a construir o que nunca viu". Reflecte Paulo: "a vida que procurei e se esgotou afinal em querê-la". Fala o pai: "O que eu disse ao meu filho foi muito simples. Fizeste a cama agora deita-te nela". Sérgio, o irmão imobilizado de Laura, constata ao que tudo se resume: "(...) é isto que se passa no coração da gente, onde a verdade e a mentira se agridem até à morte". Na vida, quando finalmente se pode confrontar as oportunidades perdidas ou falhadas, há possibilidades que só se perspectivam em retrospectiva: "tínhamos o mundo antes desse dia", como assim dizendo, podia ser feliz e não o sabia. Ou "hoje até me parece que é o medo que chama o medo, que é o medo que precipita as coisas", ou que as não deixa acontecer. O medo. A culpa. O desprezo. A vergonha. "O que nos assalta quando pensamos ter falhado. Perante quem mais nos avisou".

As personagens deste romance, a quem a narrativa dá recorte e espessura, estão relativamente irmanadas à de Laura. Todas elas construíram os seus percursos de vida de uma forma susceptível ou permissiva à reinscrição que a vida e os outros nelas gravam: "vejo hoje que não sabia bem o que era, como continuo sem saber o que sou".

"Para onde vão os amores que foram (...) um amor que foi um dia e não volta mais" é uma incógnita que persiste. A constatação de Laura não é clarificadora da razão "porque desejamos tanto a verdade se a verdade dói como um vidro, porque a exigimos quando o mais certo é rasgar-nos uma veia". Porque depois, depois é o calvário que parece sem fim, da vida que fica como que parada "digamos que uma questão de tempo", digamos que todo o tempo necessário para aguentar e esperar que passe "um amor que foi um dia e não volta mais".